



INTERAÇÃO GRUPAL DE ESTUDANTES DO 2º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL DURANTE JOGOS COLETIVOS DE EDUCAÇÃO FÍSICA: RELATO DE EXPERIÊNCIA DE ESTÁGIO

Mateus Cavalcanti Queiroz ¹
Maria Lucicleide Falcão de Melo Rodrigues²

INTRODUÇÃO

O trabalho tem como objetivo apresentar os resultados da experiência vivenciada no Estágio Básico de Observação do curso de Psicologia da Universidade Federal de Pernambuco, realizado junto à turma de 2º Ano do Ensino Fundamental de uma escola particular da cidade do Recife.

A observação no campo da psicologia pode ser conceituada como um método de investigação científica que busca compreender o que os organismos fazem e sob quais circunstâncias (CANO, SAMPAIO 2007). Neste sentido, o psicólogo atua como cientista ao descrever e aplicar princípios e leis do comportamento, lidando principalmente com informações acerca do comportamento e das mudanças no ambiente social e físico que veem a se relacionar ao comportamento observado. Assim, “A observação é utilizada para coletar dados acerca do comportamento e da situação ambiental” (DANNA & MATTOS, 2011, p.12).

O estágio básico de observação tem por objetivo o desenvolvimento de uma observação metodológica e crítica por parte do estudante, ao providenciar a associação de discussões teóricas semanais com a experiência direta com o campo de atuação. Sua realização se deu a partir de 10 encontros semanais ao longo de todo turno matinal, ocorridos sempre às terças-feiras e sendo este o dia da aula de educação física da turma observada. Os relatos de observação foram recortados para discussão do foco de observação. Todos os nomes foram abreviados a fim de preservação da privacidade dos estudantes e da instituição de ensino.

¹ Graduando do Curso de Psicologia da Universidade Federal de Pernambuco; mateus.cavalcantiq@ufpe.br;

² Mestre em Educação pela Universidade Federal do Amazonas. Atualmente é Professora Adjunta no Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Pernambuco; marialucicleide@hotmail.com



MATERIAS E MÉTODO

A atuação do estagiário no contexto escolar da instituição de ensino se deu a partir de observação não sistemática, não participante, individual e em campo, de acordo com a classificação de Markoni e Lakatos (1985). Apesar da interação do estagiário com a classe, que seria impossível não ser realizada devido ao fato deste no mesmo espaço que os 17 alunos pertencentes a esta turma, os fenômenos psicológicos observados e descritos nos relatórios foram aqueles em que o estagiário se mostrou mais distante do seu ocorrido, ao mesmo tempo que buscava se posicionar num local que não interferisse na organização do espaço que foi planejada para realização das aulas ministradas na escola.

O foco do presente trabalho é voltado para o processo de interação das crianças com a suas equipes nos esportes e jogos coletivos das aulas de Educação Física. Neste sentido, há de se destacar que o tipo de interação a ser discutido é caracterizada como um meio para atingir a meta estabelecida pela professora responsável pela aula, se diferenciando assim das interações espontâneas das crianças com seu grupo por não ser guiada exclusivamente pela ludicidade, já que existiam regras previamente estabelecidas que ditavam como se deveria jogar; assim como pelo fato dos grupos constituintes destas atividades serem formados a partir da escolha da professora.

O colégio é caracterizado como uma estrutura de médio porte, contendo duas quadras poli esportivas, cantina e refeitório, dois pátios localizados um na entrada principal e o outro junto a uma das quadras, bicicletário, sala de aula dedicada exclusivamente para as aulas de educação tecnológica assim como equipamentos eletrônicos e peças requeridas para o realizar desta matéria, sala de informática, sala maker, coordenação, diretoria e sala exclusiva para o profissional da psicologia. No local são contemplados todos os anos do Ensino Básico, desde a Educação Infantil até o 3º Ano do Ensino Médio.

A documentação das atividades de cada encontro consistiu majoritariamente na elaboração de um registro de observação diário por parte do estagiário junto com a supervisão da psicóloga escolar nos momentos de discussão individual, ocorridos ao término de cada encontro.

REFERÊNCIAL TEÓRICO

O surgimento da atuação da psicologia escolar no Brasil ocorreu de maneira análoga a consolidação da psicologia enquanto ciência, onde neste momento sua atuação estava voltada



para quantificação dos fenômenos psíquicos, resultando numa atuação voltada para as intervenções individuais nas instituições de ensino, pautado na adaptação da clínica psicológica para o espaço educacional. (DIAS, PATIAS & ABAID, 2012). Dazzani (2010) lança uma crítica ao passado histórico da psicologia escolar no Brasil. Em sua visão, a transposição acrítica das teorias da clínica psicológica e do ambiente terapêutico resultou num profundo desconhecimento dos processos e das relações presentes nas escolas do país. A postura crítica atual abarcada por Dazzani defende um modelo de psicologia escolar que faça uso de estratégias de interpretação da realidade social e política presente nas relações educacionais, não reduzindo-as a um fenômeno de caráter estritamente psicológico. Desta forma, as queixas escolares se relacionam com as questões históricas deste campo através de um espaço de atuação política, onde o papel do psicólogo deve compreender as demandas por direitos e justiça ao se tornar um atuante crítico e comprometido com estes objetivos.

Os jogos e suas regras na psicologia infantil

Segundo a teoria piagetiana, as estruturas dos jogos são divididas em três categorias, sendo elas os jogos práticos, jogos simbólicos e os jogos com regras. (DE SOUZA, PETTY, FOLQUITTO, GARBARINO & MONTEIRO, 2014). O último vem a ser o de maior complexidade por exigir combinações intelectuais com base nas regras, assim como uma sofisticação da compreensão do mundo social e ajustamento à realidade através da competitividade. Dessa forma, as regras têm a potencialidade de exigir mais qualificações das competências utilizadas pelos seus participantes, sendo necessário o uso de diferentes habilidades como atenção e auto controle. Ademais, Piaget caracterizava a idade dos 7-8 anos como um estágio em que surge a importância de se ganhar o jogo juntamente a dinâmica de cooperação, e como consequência a necessidade de uma sistematização das regras entre os participantes, mesmo que surjam variações das regras ao longo de uma mesma partida. (QUEIROZ, RANCHI & TOKUMARU, 2008).

Por outro lado, os autores Silva e Junior (2005) argumentam que desenvolvimento da dimensão tática dos jogadores de uma modalidade esportiva coletiva deve se iniciar na faixa etária entre 10 a 12 anos de idade, por exigir habilidades físicas de domínio do gesto motor a ser utilizado pela criança, ao mesmo tempo que também demanda a capacidade de adaptação rápida a circunstâncias inesperadas através do ato de pensar em diferentes cenários diferentes, características estas que não são esperadas para as crianças mais novas.



RESULTADOS E DISCUSSÃO

A primeira observação de atividade coletiva na aula de educação física pelo 2º ano foi realizada durante a prática do esporte handebol, onde consta uma regra em que o jogador que estiver com a posse da bola apenas poderá conduzi-la por três passos, fazendo com que após esta ação seja necessário o arremate ao gol ou o passe para um membro da mesma equipe. Foi possível observar a preferência dos alunos em fazer o passe para aqueles com quem interagem com maior frequência fora do momento da educação física, ou seja, aqueles que lhe eram mais próximos afetivamente e que eles mantinham uma atenção privilegiada em detrimento ao resto da turma. Tal tendência ocorria mesmo quando um outro membro da equipe se encontrava numa melhor posição para receber a bola e fazer o gol, mas pelo fato deste aluno não manter uma relação social frequente com aquele que estava com a bola ele geralmente era ignorado. Este fato fez a professora gritar durante o jogo que as duas equipes estavam perdendo a chance de fazer vários gols pelo comprometimento do trabalho em equipe. Esta situação pode ser interpretada como uma estratégia de adaptação às regras impostas pelo esporte por um público que ainda não reconhece as demandas implícitas de cooperação que são solicitadas pelo handebol. Devido ao fato de ainda não possuir o aprendizado voltado a dimensão tática do jogo mas já serem dotados do desejo de ganhar através do cumprimento das regras, a cooperação coletiva dos alunos foi resumida pela interação entre parceiros que já tinham uma afinidade antes do início da prática, constituindo um quadro de fragmentação da equipe através da formação de subgrupos guiados pela afetividade. Apesar de ser um mecanismo que possibilita a introdução dos alunos nas práticas coletivas, tal aspecto tem a consequência de excluir da equipe aqueles jogadores que por algum motivo não são próximos a maioria do grupo, o que tende a gerar uma inibição nos alunos em querer fazer parte de uma equipe diferente, prejudicando desta forma a possibilidade de aprendizado através do esporte por uma acomodação a um hábito social.

Com este problema em mente, a professora de Educação Física entrevistou na dinâmica da aula, inicialmente através de dois estudantes, B. e E., sendo um do sexo feminino e o outro do sexo masculino. Devido ao fato de ambos comumente não demonstrarem alto interesse nas aulas de educação física, a professora os colocou no mesmo time durante prática do futsal, e introduziu a regra de que apenas os dois podiam fazer o gol para sua equipe. Entretanto, tal interferência não surtiu o efeito desejado, pois ambos os dois alunos frequentemente viravam as costas para o jogo como também chegavam a andar em direção contrária à bola, o que veio a gerar queixas de sua equipe. Todavia, há de se destacar que a falta de interação para com a



equipe presente nos momentos iniciais de aprendizado do esporte não é correlato absoluto de um não engajamento do estudante no jogo proposto. Durante a prática do Futsal neste mesmo dia, o próprio aluno E. e outras duas alunas que não interagiram com o jogo na maior parte do tempo chegaram a jogar contra sua própria equipe quando a bola acabava por ficar próxima a eles. Neste sentido, pode-se inferir que o processo de interação com o grupo durante os jogos é precedido pela familiarização com os mecanismos de ação que atuam neste espaço, como o movimento de chutar a bola ou correr com ela nos pés. Numa pesquisa de intervenção a partir de um programa de jogos sobre a aprendizagem e processos desenvolvimento, De Souza, Petty, Folquitto, Garbarino e Monteiro (2014) constataram que as organizações psicológicas voltadas para objetos, tempo e espaço apresentaram uma melhora significativa antes daquelas voltadas para a interação social, atribuindo à isto uma correlação do desenvolvimento ontogenético, que vai das coordenações motoras iniciais até as operatórias. Desta forma, a interação social presente nas modalidades coletivas de esporte é oriunda de um processo de aprendizagem do aluno sobre como fazer uso de cada objeto e do espaço físico de acordo com as regras estabelecidas. Como consequência, é possibilitado a adaptação dos imprevistos presentes nos jogos ao olhar para outro membro da mesma equipe como um parceiro por conhecer onde e como se dará esta contribuição, voltada para a realização da meta almejada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da correlação das observações realizadas com a literatura específica da temática, é possível perceber a presença de uma competitividade inicial nos estudantes, bem como a realização de um planejamento durante os jogos sobre quais aspectos irão lhe beneficiar. Entretanto, destaca-se que não foi observado um planejamento tático por parte dos alunos sobre a dimensão do jogo e suas estratégias, bem como a ausência de um entrosamento coletivo dentro das equipes. Neste sentido, foi perceptível que aqueles estudantes que predispuham de uma afinidade maior para as aulas de educação física e que já tinham uma proximidade prévia formavam um subgrupo dentro das equipes, o que prejudicava sua interação com os demais estudantes e por vezes prejudicando o desempenho da equipe como um todo.

Tal fato teve como consequência o baixo engajamento dos demais estudantes com os objetivos propostos pelas atividades de Educação Física. No entanto, isto não significou uma ausência de interação dos estudantes com os jogos, pelo fato de que por vezes eles chegavam a subverter tanto a lógica do esporte (como pelo fato de jogarem contra sua própria equipe)



como também as suas regras (quando alguns estudantes carregavam a bola com as mãos durante o jogo de futsal, por exemplo). Esta constatação contribui para um planejamento diferenciado sobre as aulas de Educação Física, destacando a possibilidade dos jogos e esportes como meio de aprendizagem por si só, ao propiciar enxergar os demais estudantes como colaboradores dentro da atividade coletiva, visando o cumprimento de determinada meta.

Ademais, é constatado a necessidade de estudos sobre o impacto sociocultural do surgimento da dimensão tática nos estudantes, ocorrida no período entre 10 a 13 anos de idade. Estudos nesta temática podem vir a contribuir para um olhar integral sobre os jogos coletivos para além da dimensão de ganhar ou perder, valorizando a aquisição cultural ocorrida neste período de transição.

Palavras-chave: psicologia escolar, educação física, jogos escolares, esportes coletivos, educação infantil.

REFERÊNCIAS

CANO, D.S; SAMPAIO I.T.A. O método de observação na psicologia: Considerações sobre a produção científica. **Interação em Psicologia**, v.11, p. 199-210, 2007.

DANNA, M. F.; MATOS, M. A. **Aprendendo a observar**. São Paulo: Edicon, 2006

DAZZANI, M. V. M. A psicologia escolar e a educação inclusiva: Uma leitura crítica. **Psicologia: ciência e profissão**, v.30, n.2, p. 362-375. 2010

DIAS, A. C. G., PATIAS, N. D., e ABAID, J. L. W. Psicologia Escolar e possibilidades na atuação do psicólogo: algumas reflexões. **Psicologia Escolar e Educacional**, v.18, n.1, p. 105- 111. 2014

DE SOUZA, M. T. C.; PETTY, A. L.; FOLQUITTO, C. T.; GARBARINO, M.; MONTEIRO, T. A. Does playing games contribute to develop better attitudes? **Psychology Research**, Vol. 4, p. 301-309, 2014.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Metodologia científica**. 5.ed. São Paulo: Atlas, 2007.

QUEIROZ, Sávio Silveira de; RONCHI, Juliana Peterle; TOKUMARU, Rosana Suemi. Constituição das regras e o desenvolvimento moral na teoria de piaget: uma reflexão Kantiana. **Psicologia: Reflexão e crítica**. Porto Alegre , v. 22, n. 1, p. 69-75, 2009

SILVA, T.A.F.; DE ROSE, J.R.D. Iniciação nas modalidades esportivas coletivas: a importância da dimensão tática. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte** v.4, n.4, p.71-93, 2005